

## Revolução energética depende de investimento privado

*ROSSI, Daniel. "Revolução energética depende de investimento privado". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 07 de agosto de 2019.*

Historicamente, a expansão da matriz elétrica brasileira deu-se sob forte influência do Estado, por meio de grandes empreendimentos financiados com verbas públicas. As principais hidrelétricas que compõem o Sistema Interligado Nacional (SIN) são caudatárias desse modelo.

Nos últimos quinze anos, o setor vem se abrindo para o mercado livre e utilizando procedimentos de expansão da geração baseados na lógica da competitividade: os leilões de energia. Ainda assim, boa parte do financiamento para os projetos vencedores vinha do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Mas o cenário recente de restrição econômica e contenção de gastos governamentais vem resultando no encolhimento da participação estatal e também das linhas de financiamento do BNDES. No ano passado, o banco desembolsou metade do valor médio registrado nas últimas duas décadas – a expectativa é de que os aportes se reduzam ainda mais neste ano.

Por outro lado, a Agência Internacional de Energia Renovável (IRENA) tem destacado o crescente interesse por parte de investidores globais no setor energético – especialmente nas alternativas limpas e com baixo impacto ambiental. As fontes renováveis de geração de eletricidade já respondem por um terço da capacidade instalada mundial, garante a entidade.

Para o Brasil, essa é uma notícia animadora. O País é visto como um dos mais atrativos do mundo para investimentos em geração renovável.

A tarefa de conduzir o Brasil a um futuro limpo e sustentável caberá, portanto, à iniciativa privada. E as chances de sucesso são muito maiores com a participação incisiva do mercado. Nos últimos anos, a queda na taxa de juros e a inflação estabilizada impulsionaram a captação de recursos.

O movimento está em curso. A energia solar fotovoltaica é exemplo dessa transformação: segundo a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), o Brasil figura entre os dez países que mais investem em energia solar. Hoje são mais de 2,5 GW de potência operacional, quase 2 GW em plantas de grande porte e 0,5 GW em placas distribuídas por telhados, estacionamentos e diversos outros pontos de geração pelo País. Projetos já contratados em leilões no mercado regulado de energia elétrica preveem o investimento de pelo menos R\$ 21,3 bilhões de capital privado até 2022 – o que representa a adição de mais 3,7 GW de potência instalada às usinas solares brasileiras.

Vale destacar que a maior participação das fontes renováveis na matriz caminha de mãos dadas com outras duas tendências: a descentralização da geração de energia e o waste-to-energy (WTE). Por um lado, cada vez mais pessoas e empresas optam por gerar a própria energia – uma realidade mais fluida e dinâmica, que se opõe à

rigidez do mercado regulado; essa modalidade é chamada de geração distribuída e, nessa seara, o investimento privado é a principal força propulsora de inovação. Por outro, a utilização de resíduos como fonte energética é uma das alternativas com maior impacto positivo para a gestão urbana, e para viabilizá-la o poder público conta, cada vez mais, com parcerias público-privadas ou modelos similares de viabilização.

Há diversos benefícios associados à instalação das unidades geradoras mais próximas aos locais de consumo, como a redução de perdas de distribuição de energia, a diversificação de recursos e a redução da emissão de gás carbônico. O futuro do setor elétrico será 4D – democrático, descentralizado, descarbonizado e digitalizado.

O Brasil possui imenso potencial para a geração de energia renovável, com abundância das fontes solar, eólica, biomassa e hídrica – além de tecnologias inovadoras de WTE, como o flash dissociation system (FDS) desenvolvido pela ZEG.

O País também possui boa reserva de mão-de-obra em diversos níveis de qualificação. Ademais, com os acenos do governo em direção à desburocratização e à aprovação de medidas e reformas com o objetivo de fortalecer a economia brasileira e dinamizar o mercado de energia, o cenário é otimista.

No processo de retomada econômica do País, o setor de energia reúne condições ímpares para atrair investimentos de capital nacional e internacional – e, mais do que isso, para despontar como exemplo de sustentabilidade para o mundo. Mas esse avanço só poderá acontecer num mercado livre, competitivo e amplamente democrático.

***Daniel Rossi é CEO da Zeg, uma empresa do Grupo Capitale Energia.***